

O COMERCIO DA POVOA DE VARZIM

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
OFICINAS D.º COMERCIO - Tel. 92381

JORNAL REPUBLICANO E DEFEN-
SOR DOS INTERESSES LOCAIS

DIRECTOR E PROPRIETARIO
MANUEL AGONIA FRASCO

por ISABUJA CORREIA SANTOS

Ferece-nos ver ainda o António João, menino de cabelos louros, de olhos claros, tímido, delicado e sempre ligeiro a caminho do liceu ou de folgueados. Vimo-lo crescer, sempre esguio, sempre de ar infantil, inocente como na infância, na puerícia, na adolescência...

Os anos correram, sobrepujaram-se na sua cavalgada, e eis o menino de ontem na vida militar sem acabar o seu curso de Direito. Mas teria na verdade sido apurado para o serviço militar aquele jovem alto e muito magro, de expressão ainda infantil na inocência do olhar, na vacilação da palavra? Não sabemos bem porque, parecia-nos impossível que o António João, que vimos menino retraído, um tanto nervoso, um tanto desconfiado, talvez, gentil e senhor dos bons princípios na sua ambiência familiar, pudesse um dia pegar em armas sem que fosse a brincar... ou nurr simples treino por obrigação.

E afinal... lá foi o António João, como tantos outros do seu quilate, para o Ultramar obedecendo à chamada.

Frequentemente nos ocorria a sua imagem, e, por mais estranho que pareça, com uma espingarda na mão e, no olhar, a mesma expressão de menino incapaz de mostrar uma simples mosca...

Quando um dia nos mostraram uma fotografia do António João, barbudo, em pleno matão à mercê do que viesse... não pudemos reter as lágrimas e... num gesto repentino, víramos o caixilho de modo a que melhor pudessemos figurar o António João sem barba, sem farda, numa vida despreocupada de criança imberbe que não acreditava na possibilidade de disparar uma arma...

Meses após meses, ei-lo bem longe, dando notícias de quando em vez e na graça de continuar

com saúde e perfeito. Numas férias merecidas, está pertinho de nós. Que fez, que não fez? Que disse, que viu, ouviu, pensou? O António João continua tímido, reservado, preferindo monologar a dialogar...

Todavia, não nos foi difícil saber que existe forte motivo para que tenhamos, presentemente, o António João num conceito bem enlevado. O «menino» alto e franzino, o «menino» de olhos claros como a sua alma, não vem barbudo e vem, na verdade, triste mas ufano por ter evitado muitas mortes desmontando minas no mato...

Por cada mina desmontada, à roda de 30000. Pois o nosso amigo António João desmontou tantas que recebeu uns dez mil escudos por esse trabalho de guerra. Que fez ainda, ele que já muito bom trabalho havia operado? Deu aos seus soldados todo esse dinheiro!!! — e no entanto... a sua algeibra nem sempre está guarnecida com o «vil metal»!

O «menino» imberbe, lourinho, olhar transparente, mostra-se-nos agora como um Herói, desses que

Continua na página 4

Não haverá quem veja?

Há mais de 15 dias que existe um enorme e largo buraco no passeio do lado nascente da Avenida dos Banhos, próximo do Guarda-Sol.

É um perigo para quem ali passa, descuidadamente, sobretudo da parte de noite.

Chamamos a atenção de quem de direito para que ordene a sua reparação antes que tenhamos de registar sérias consequências.

Duas medidas...

por CARLOS DE RIQBOM

Recebi há dias uma carta de um engenheiro espanhol, amigo de muitos anos, relatando-me, indignado, as conclusões finais a que chegou o concílio episcopal, que reuniu há pouco no seu país, que a imprensa estrangeira largamente divulgou.

Confesso que após a ter lido com toda a atenção, não pude deixar de concordar.

Mais ainda, até mesmo a pretensão, o desejo do Vaticano ter o privilégio, o direito exclusivo de nomear os seus bispos — sem a menor interferência do poder temporal — acho plenamente justo. A César, o que é de César...

Quanto ao resto, confessei igualmente ao meu amigo — certamente com o seu desagrado — que também aprovava, mas parecia bom, justo, tudo quanto as altas figuras da igreja católica espanhola, Cardeais, Arcebispos e Bispos, haviam assinado no referido relatório.

E' que — acrescentava — uma religião, uma Fé, está muito longe de ser um Partido, uma Ideologia, uma Corrente Política. A Igreja de Roma, vai para dois milénios. Pelo contrário, um regimen, uma ideologia, seja ela qual for, raras vezes dobra o cabo do meio século.

A Igreja - Católica - Apostólica - Romana, é essencialmente Universal. Os sistemas políticos, não vão, via de regra, além das suas fronteiras geográficas. A Igreja Católica, está virada para a Eternidade — muito embora nestes sessenta milhões de anos em que o homem vive sobre a Terra, muito deus tenha surgido e morrido. Os sistemas políticos, envelhecem, gastam-se rapidamente com o tempo. Roma, apesar da grave crise que atravessa, é e Será Ainda por longos anos, uma formidável força

moral. Um grandioso, gigantesco amparo espiritual, místico. Uma Esperança Sempre Viva para o Homem, de sobrevivência. A Cruz do Gólgota, símbolo de Justiça, Fraternidade, Amor, Paz entre toda a Humanidade, Farol que guia e ilumina.

Uma ideologia, um partido, alcega-se apenas nos seus partidários, em quantos o servem. A Igreja de Roma não distingue raças, cor de pele, fronteiras ideológicas, correntes da esquerda ou da direita. Todos, sem excepção, São Seus Filhos. A todos ama e compreende igualmente. Não se delimita a fronteiras, continentes, cordenadas. Conhece apenas uma única Medida, uma Só Paróquia, Um Só Povo: Humanidade.

Assim, forçosamente, a visão do mundo, seus problemas, espe-

Continua na página 4

UNIVERSIDADE DO NORTE

por JOSÉ DOS REIS

Pela segunda vez, e com o mesmo título do primeiro artigo-lho, já antigo, insisto em considerar a chamada «Universidade do Porto» uma Universidade do Norte.

Evidentemente, o dr. António José de Almeida criou, de direito e justiça, a Grande Escola Superior na Cidade Invicta, mas o eloquente tribuno ofereceu o fruto da sua feliz invenção a todo o Norte do País, muito populoso e de bom nível intelectual.

Em boa hora, o fundador realizou a sua obra, pois a «Universidade do Porto» tem correspondido devidamente, pela missão cultural que tem cumprido.

O Volume II das Obras de Rocha Peixoto

A publicação, em 1967, do 1.º volume das *Obras* de Rocha Peixoto fora um acontecimento cultural altamente prestigioso para a entidade promotora — a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, que, em boa hora, se comprometera a patrociná-lo. Com o presente, assegura esta instituição, prova e exemplarmente, o prosseguimento de uma edição a todos os títulos muito meritória e digna do maior louvor.

Organizou-os modelarmente o nosso prezado amigo sr. Dr. Flávio Gonçalves, que, para isso, teve de se desviar da área habitual de suas investigações, a da história de arte, em que é verdadeiro mestre. Trata-se de uma empresa laboriosa que o obrigou a aturado trabalho a fim de recolher a assás vultosa colaboração que o malogrado po-

FOI ADIADA a conferência do Prof. Dr. Alvaro Rodrigues

Por motivo de força maior, o sr. prof. Doutor Alvaro Rodrigues não pôde deslocar-se à Póvoa na passada quarta feira, como havia sido anunciado, para pronunciar uma conferência sobre o cancro e sua possível cura. Por tal motivo ela será feita no dia 28 do corrente, pelas 21 horas e meia, no Póvoa Cine, para onde esteve primitivamente marcada, numa organização do Rotary Clube da Póvoa.

Continua na página 4

Etemérides Poveiras

FEVEREIRO

11-1943 — A Câmara autoriza o mestre carpinteiro Francisco Rodrigues Anjo a construir uma embarcação de grande calado e alguns pequenos barcos, não «ao norte da fortaleza», como requerera, mas no lugar da «Caverneira», onde se situavam os estaleiros que viriam a desaparecer com a abertura da Avenida Marginal entre a praia do pescador e a Lapa.

11-1942 — Morre o distinto professor e jornalista Leopoldino Loureiro, grada figura local e um dos redactores de «O Comércio da Póvoa de Varzim», periódico em que distintamente escreveram também durante muitos anos.

14-1943 — Por iniciativa dos seus amigos e admiradores, é deserrada uma lápide em mármore comemorativa na fachada da casa da Rua de António Graça onde, em 27-6-1881, nascera aquele distinto professor e apreciado jornalista Leopoldino Loureiro.

14-1938 — Nasce uma outra gentil poveira, filha do distinto clínico, Dr. Américo Graça, delegado de Saúde no Concelho, e de sua Ex.ª esposa, D. Antonietta Ferraro Vaz dos Santos Graça.

Não carece de prova a minha afirmação — nem é a isso que aqui venho, pois que agora apenas quero dizer algo sobre a A. A. A. U. P., ou seja a «Associação dos Antigos Alunos da Universidade do Porto», uma agremiação prehe de fins vitais e rica de desígnios muito fraternais — que tudo se encontra bem determinado no seu Estatuto!

Na verdade, esse regimento, nos seus cinco títulos, compreendendo quinze capítulos, que se desdobram em setenta e oito artigos, contém um tratado de boa orgânica e um perfeito código que diz bem dos deveres e direitos dos associados.

O Capítulo II, do seu I Título, supera todos os outros porque, embora pequeno, nele reside toda a beleza que a A. A. A. U. P. possui, nele está a razão da existência dessa Agremiação, pelo cuidado que lhe merece a cultura dos seus associados (indicado minuciosamente nas nove alíneas do seu art. 4.º); nele se evidencia o interesse pelas finalidades académicas (estatuídas no art. 5.º) e, por fim, nele se diz bem da preocupação que a Associação manifesta por uma intensa acção económico-social. Tudo isso torna o Estatuto um código cheio de humanidade!

Continua na página 4

O perigo espreita

nas passagens de nível mal sinalizadas

No nosso concelho existem passagens de nível sem guardas que ocasionam, por vezes, desastres graves. Estamos a referir-nos às de Amorim (a de maior movimento rodoviário). Terroso e Rates.

Nesta freguesia, o perigo espreita a todo o momento, porque o sinal de passagem de nível, para quem vai da estrada nacional, está metido num local semioculto por uma moradia. Resulta: uma destas noites, um amigo nosso, quando deu por si, sem saber, estava a atravessar o seu viaduto, a linha férrea, com o comboio a passar dali a segundos.

Talvez que com um pouco de boa vontade por parte da CP, a placa indicativa fosse colocada em local mais visível, evitando-se, futuramente, qualquer desastre de grande vulto.

E' afirmação corrente, desde os tempos mais remotos, de que «as aparências iludem» e não haja dúvida que tal afirmação tem razão de existir. A cada passo deparamos com indivíduos que nos parecem bem formados e, afinal, de bons princípios nada têm nem procuram ter, senão aparentemente. Acontece, mesmo, lermos escritos primorosos na essência como se duma alma de eleição. E afinal, que de fantasia, que de falsidade, nas palavras bonitas, até nos conselhos, do seu autor! Com a palavra viva o mesmo acontece. E quando conhecemos indivíduos assim mascarados, conhecendo a sua vida escura, tortuosa, enlameada, ficamos enojados e magicamos: Como

nota da semana

é possível haver racionais tão baixos, tão hipócritas, capazes de se mascararem de santos sendo perfeitos demónios? Não são poucas as vezes que, ante gente dessa espécie, mascarada em cada segundo da vida, até mesmo quando dorme, para ludibriar o semelhante e levar a vida a seu belo prazer no vício de mais isto e aquilo que a sociedade sábia condena, do coração lamentamos que não exista, e a cada canto, uma Cadeira da Verdade em que todos os indivíduos fossem obrigados a sentar-se de modo a que se fizesse uma escolha perfeita do trigo e do joio! Virá algum dia e por Lei uma cadeira da verdade, para cada povoação examinar aqueles em quem se pode ou não confiar? Quem dera que essa maravilha viesse!

Homenagem a Nuno Simões

O último número do *Jornal de Letras*, do Rio, correspondente a Janeiro, publicou a seguinte local, com o título: *Homenagem a Nuno Simões*:

«O deputado Álvaro Vale apresentou à Assembleia Legislativa um projecto de lei para que venha a ser dado o nome de Nuno Simões a uma escola do Rio. Justa a homenagem que se quer prestar a um ilustre escritor, jornalista e homem público de Portugal, que tem sido amigo leal do Brasil, intensa actividade no sentido de maior aproximação cultural dos nossos países.

Nuno Simões nasceu em Calendário, freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicao, a 30 de Janeiro de 1894. Estudou em colégios de Guimarães e Porto, fez o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Foi então que iniciou sua carreira de jornalista, como redactor do «Diário de Coimbra» e colaborador do «Primeiro de Janeiro», do Porto.

Durante algum tempo exerceu a advocacia, até que em 1915 foi no-

meado governador civil de Vila Real. Em seguida, secretário geral do Supremo Tribunal Administrativo, Deputado em várias legislaturas, foi três vezes Ministro do Comércio e Comunicações. Foi um dos fundadores da revista «Atlântica» de Lisboa e fez parte do comité de redacção da «Révue Economique Internationale». Desde então tem mantido constante colaboração em numerosos jornais e revistas, particularmente sobre assuntos de economia e finanças.

É um líder do movimento de comunhão luso-brasileira, tema de conferências proferidas em centros de cultura, tanto em Portugal como no Brasil. Foi distinguido pelo Governo brasileiro, em 53, com o Ordem do Cruzeiro do Sul. Participou nas comemorações do IV Centenário da Fundação de S. Paulo, tendo vindo ao nosso país, pela última vez, em 1956, para atender a um convite que lhe fez uma comissão de altas personalidades das Letras e da vida pública. Nessa ocasião foi

Continua na página 4

Obras de Rocha Peixoto

Continuado da página 1

gráficas, sempre oportunas e esclarecedoras, a traír, para além da objectividade do cientista, a erudição e profundo domínio da história local do organizador que fez culminar o tomo de índices onomástico, geográfico e toponímico, a permitir ao utente uma consulta rápida e funcional.

Não é possível, em simples re-
censão de jornal, analisar porme-
nosadamente cada um dos con-
teúdos das rubricas em que o vo-
lume se encontra estruturado. Mas
seria no entanto, imperdoável não
destacar os textos de Rocha Pei-
xoto consagrados à economia por-
tuguesa sua contemporânea, que
ocupam mais de metade deste se-
gundo tomo, agrupando os artigos
que escreveu sobre os produtos
agrícolas coloniais, a agricultura e
piscicultura em Portugal, a Indús-
tria da seda e da cerâmica. E, se
a crítica é contundente, não deixa
de englobar sempre, ainda que
discutíveis, caminhos de solução.
Refira-se, a propósito e de passa-
gem, a acuidade com que via cer-
tos aspectos do problema ultramar-
ino.

De não menor importância, nos
parecem os artigos sobre o Museu
Municipal do Porto de que foi de-
fensor entusiasta e onde pôde rea-
lizar, ao confiar-lhe a sua dire-
cção, uma obra notável de sal-
vaguarda do património artístico
nacional, como claramente mostrou
ser urgente, aquando do deplora-
vel e burlesco episódio em que se
viu envolvido e nos deixou relatado
na carta aberta — *O saque dum
convento* — sobre as depredações
do espólio do Convento de Santa
Clara de Vila do Conde. De real-
çar são também os escritos con-
sagrados ao ensino no seu tempo
— até pela flagrante actualidade do
tema —, que não poupa a uma crítica
acurada, cheia de verbe polé-
mica, preconizando ao lado de
propostas reformistas, não destitu-
ídas de acerto, outras de pura
transigência à mentalidade da épo-
ca. Por fim, serão de destacar,
além dos artigos de combate polí-
tico — denunciadores do homem
que sinceramente empenhado na
salvação da grei, reage com vio-
lência ante a corrupção e inércia
da máquina governativa —, os que
consagrados ao pescador poveiro e
às pescarias onde analisa a situa-
ção desesperada em que se deba-
tiam os trabalhadores do mar seus
contrerários — em 1894, uma coló-
nia de cinco mil pescadores,
afora as três mil pessoas ainda
que, da pescaria, obtêm todos os
recursos da vida» (p. 385) —, atri-
buindo-a a progressiva escassez
de peixe, devido às «depredações
causadas pela pesca a vapor»
(*ibid.*).

Como bem salienta o Dr. Flá-
vio Gonçalves, não deixará de sur-
prender o leitor do 1.º volume das
Obras de Rocha Peixoto, o con-
teúdo deste II tomo. De facto, não
há nele a serenidade do homem
voltado para o trabalho científico
nos domínios da etnografia e ar-
queologia onde nos legou obra tão
profunda quanto inovadora. Sen-
te-se, sim, um espírito inquieto,
empenhado na teorização e ins-
taurção de uma nova ordem po-
lítica, tal como os homens da ge-
ração do Ultimatum, a que espiri-
tualmente pertencia. «Batido» em
particular, pela influência de Oli-
veira Martins, de Basílio Teles e
dos mentores da propaganda re-
publicana — escreve Flávio Gon-
çalves — o autor de *A Terra Por-
tuguesa* integrou-se, vincadamente,

num movimento nacional de feição
pedagógica» (p. XI). Infelizmente,
a geração de Rocha Peixoto, quan-
do no poder, ainda que bem inten-
cionada, nem sempre se mostrou
capaz de realizar tudo quanto ha-
via planeado.

Promete-nos o responsável pela
publicação das *Obras* um III volume
«com as *Princípios Literárias*
do grande cientista, os seus textos
acerca das *Ciências Naturais*, da
Antropologia e da *Arqueologia*,
abundantes *Notícias e Comenta-
rios*, *Recensões* e *Polémicas* e
Registos Biográficos relativos a
muitos escritores» (p. X): Oá
o aguardamos, na certeza de que
nos provocará o mesmo vivo agra-
do que se apoderou de nós ao com-
pulsarmos as páginas do presente
tomo onde sentimos um intelectual,
combativo e generoso, empenhar-
se nos problemas concretos do
seu tempo.

Ao sr. Dr. Flávio Gonçalves, à
sua probidade de cientista e apa-
ixonado defensor e divulgador dos
valores culturais da sua terra, fi-
camos a dever o notável trabalho
que representa esta publicação. E
não seríamos inteiramente justos,
se não aproveitássemos o ensejo
para sublinhar o apreço que nos
merece esta iniciativa da Câmara
Municipal, que, desde 1965, vem
promovendo a edição das *Obras*
de Rocha Peixoto.

A. BORGES DE AGUIAR
ENG.º CIVIL
PROJECTOS — CÁLCULOS
Rua Cidade do Porto, 35
Telefone, 64642 — Póvoa de Varzim

Sub-Núcleo Auxiliar da Cruz Vermelha Portuguesa

Das senhoras que compõem o Sub-
núcleo da Cruz Vermelha Portuguesa,
a que preside a sr.ª D. Fernanda de São
Paulo d'Abreu Gomes, foi-nos enviado,
gentilmente, o Relatório das suas activi-
dades durante o ano findo. Dada a sua
extensão e o pouco espaço de que dispo-
nimos, não nos é possível inseri-lo na ínte-
gra. No entanto extrairémos dele as prin-
cipais partes:

O concurso de solidariedade humana
prestado às vítimas do terramoto de Ma-
náguá — Nicarágua, com o auxílio do
Movimento Juvenil para a Promoção Ha-
mana, bem como colectas angariadas por
pediteiros nas igrejas Matriz e de S. José,
cujo total em dinheiro foi de 15.100\$00,
além de muitas e variadas peças de rou-
pas e medicamentos; visitas ao Hospital
e entrega lembranças a crianças e lan-
ches e prendas a 60 asilados; de men-
ciar a colaboração da sr.ª D. Ondina
Amorim, presidente da Comissão concei-
lha do Movimento Nacional Feminino,
pele concurso dispensado.

O relatório foca, além do que a fica,
a entrega ao Hospital e Escuteiros, de
vários medicamentos, além de quantidade
de roupas distribuídas a crianças e adul-
tos.

Cumprimentamos as senhoras da
Cruz Vermelha (núcleo da Póvoa) pela
meritória actividade desenvolvida.

O António João...

Continuado da página 1

na realidade merecem condecora-
ção. Sem disparar... estive na
guerra, salvou muitas vidas e con-
fortou com uns milhares de escu-
dos soldados que pouco tinham,
pouco têm. Bravo, António João!
Que Deus continue a ajudar-te na
nobre missão de salvar vidas e de,
embora com lágrimas na alma, de
saúde da família, da casa, dos
amigos, dos teus professores e li-
vros, continuares a sorrir e a levar
ânimo e algum conforto aos que
devem obedecer ao teu coman-
do... e a tantos outros!

ISAURA CORREIA SANTOS

Aluga-se um primeiro andar com garagem e quintal, na rua de Sacra Família n.º 465. Informa: sua Casa dos Poveiros do Rio, 61

Dinis Carneiro
MÓVEIS — ESTOFOS — DECORAÇÕES — ANTIGUIDADES
Comunica a todos os Clientes e Amigos, que reabriu o seu estabelecimento (totalmente remodelado), onde terá muito gosto em recebê-los.
Grande variedade em Móveis, Sofás, Mapas, Candelieiros (mesa e tecto), Auto-jogos, Bibeletas, Quadros e Artigos de Decoração no mais requintado gost. aos melhores preços.
Ruas Almirante Reis, 98 e do Sétulo | Telefone, 64745 PÓVOA DE VARZIM

RESTAURO
OFICINA DE PINTURA DECORATIVA
Augusto Fernando A. da Conceição
Comunica aos seus estimados Clientes e Amigos, que mudou as suas instalações para a RUA 31 DE JANEIRO, 84-A, onde melhor poderá servir as suas exigências.

Univesidade do Norte

Continuado da página 1

«Somos todos irmãos», poderia esse regimento titular os seus artigos 6.º e 7.º que, nas suas cinco alíneas, visam interessadamente uma grande fraternidade acadé-
mica!

Com efeito, se nos três primeiros artigos do Capítulo II (Título I) está bem expresso o desejo da Associação de «manter sempre vivos, entre os seus sócios, os laços de solidariedade e o espírito de ca-

Casa VENDE-SE em Barreiros com grande quintal própria para estabelecimento. Falar com José Marques da Mata.

Homenagem a Nuno Simões

Continuado da página 1

instituído, por iniciativa do sr. Odilon Ribeiro Coutinho, o Prémio Nuno Simões, destinado ao autor do melhor estudo inédito sobre o espírito da comunidade luso-brasileira. Foi recebido na Academia Brasileira de Letras e em sua homenagem se realizou um banquete, presidido pelo então Ministro Parcial Barroso.

Colaborador efectivo da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», o Sr. Dr. Nuno Simões desempenha funções de orientador e conselheiro de importantes empresas industriais de Portugal.

Associámo-nos muito jubilosamente à homenagem que ao Dr. Nuno Simões, prestam os seus amigos brasileiros.

Duas medidas...

Continuado da página 1

ranças descreças, etc., vista da Praça de S. Pedro, junto à Pietá, das margens do Tíbré — tem, nem podia deixar de ser, uma outra amplitude bem diferente. Contornos diversos, de quantos, por ventura, se possam enxergar d'«El Retiro», da Gran Via, Alcalá, mesmo do Palácio del Prado. De Madrid, talvez se adivinhe ainda a silhueta do Val dos Caidos. Da Capela Sistina... ouve-se o pulsar apressado, de todos os homens em geral.

E' essa a diferença! São precisamente esses diferentes padrões, que o Cristianismo os seus Bispos, têm de ter em conta.

Calcem um número alto, que não serve a todos? Usam sandálias de pescador. Pescadores de almas, para quem o tempo tem um único nome: Eternidade.

CARLOS DE RIORDAN

GRACINDA GONÇALVES
ENFERMEIRA — PARTEIRA — PUEBICULTORA
Largo das Dores
Em frente ao Hospital
Telef. 62444 — Póvoa de Varzim

Movimento Nacional Feminino

Com o intuito de divulgar o que foi a acção da comissão local do Movimento Nacional Feminino recebemos um esclarecedor Relatório onde se dá conta da várias forma de actividade desenvolvida em prol das famílias dos militares poveiros em missão no ultramar.

Conjuntamente com oferta de livros, jornais, revistas, cigarros, etc., houve também ofertas especiais por altura do Natal, despesa que na sua totalidade ascenderam a 25.971\$70. Em contrapartida, somando ao saldo transportado de 1971, acrescentou-se a receita de uma soirée dançante, e outras ofertas que, no entanto, não cobriram o montante das despesas, pelo que se encerraram as contas com um déficite de 698\$90.

Para que a sua acção se possa continuar a processar em bom ritmo, a Comissão local do Movimento Nacional Feminino, a que preside a ex.ª sr.ª D. Ondina Amorim, espera de todos a continuação da sua colaboração, no dividendo da generosidade dos poveiros.

O FALECIMENTO DE Artur Evaristo Monteiro

Ao fecharmos a edição do número da semana passada, noticiávamos em fugidias linhas, visto que o espaço e o tempo de que dispunhamos não nos permitiam referir-nos mais pormenorizadamente à morte, quase inesperada, do nosso prezado amigo Artur Luís Evaristo Monteiro, que todos conhecíamos pelo Tuta, diminuído que era tratado no seio da família e no dos seus amigos e conhecidos.

Artur Monteiro que desapareceu com 48 anos, tinha à sua frente um futuro promissor. Da sua enorme actividade exercida nos sectores a que era chamado a intervir, deixou bem assinalada a sua presença.

Poveiro dos mais dedicados, apesar de jovem, todo o seu maior interesse era ver a sua Póvoa em permanente progresso e por isso muito halthou na Comissão Municipal de Turismo de que era delegado da Secretaria de Estado, Informação e Turismo. A sua acção foi muitas vezes incompreendida, sem que nós pudéssemos assinalar uma diminuição de batismo.

Vimo-lo em muitas comissões a insuflar ânimo aos mais tímidos, a instigando-os a trabalhar em tudo que a esse respeito a organizações poveiras.

Era, em suma, um batalhador pelas coisas da Póvoa e por isso a notícia da sua morte, rapidamente transmitida a toda a vila, além de consternar imenso sua querida família, consternou, do mesmo modo, os seus amigos e a própria Póvoa que perde, assim, um dos maiores e jovens servidores.

Artur Evaristo Monteiro era, como já dissemos, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Machado Rodrigues Martins Monteiro e pai das meninas Teresa Maria e Margarida Maria e dos sr. Luís Manuel, Pedro Luís e José Luís Rodrigues Martins Monteiro, filho da sr.ª D. Adélia Evaristo Monteiro, irmão dos sr. Dr. Oscar Evaristo Monteiro, primo dos sr. Eng.º Carlos Evaristo Baptista e sr. Oscar Evaristo Baptista, e cunhado das sr.ª DD. Maria José, Maria Amélia, Maria Ana, Maria Adelaide, Maria Palmira Machado Rodrigues Martins e dos nossos amigos sr. José Domingos Machado Rodrigues Martins e Jílio José Machado Rodrigues Martins, ausente em S. Paulo.

Renovamos à ex.ª família enlutada a expressão do nosso profundo pesar.

JOSÉ DOS REIS

Aluga-se estabelecimento na Rua 31 de Janeiro, 11. Falar no 2.º andar.

Para os nossos pobres

O nosso amigo e assinante sr. Manuel Gomes entregou-nos, para os nossos pobres, a importância de 50\$00.

Para o mesmo fim, recebemos do nosso amigo sr. Alberto Ribeiro Mesquita, conjuntamente com a importância de sua assinatura, 20\$00.

Muito agradecidos em nome dos que vamos contemplar.

VULCANIZADOR ou homem para trabalhar em recauchutagem

PRECISA-SE — FALAR NA REDACÇÃO DESTA JORNAL

FUTEBOL

Genhar por 1 - 0 ao Tirsense ...mas não genhar para o susto



Que o Varzim merecia indiscutivelmente o triunfo sobre o Tirsense, disso não há a menor dúvida, pois o seu domínio e superioridade foram flagrantíssimos. Mas, para se vencer, é imprescindível marcar golos. E para tal é necessário remiar.

Pois os avançados varzimistas, não remataram o suficiente, não correspondendo assim ao domínio usufruído pela equipa. E' certo que o guarda-redes tirsenense fez alguma defesa, mas a sua forma de defender era tão ineficaz e característica como insegura, que com mais um pouco de ousadia por parte dos nossos atacantes, o Tirsense regressaria aos seus domínios levado a uma derrota concludente. Seria, afinal, o resultado mais de harmonia com o valor patenteado pelas duas equipas. Aliás, o Tirsense, pelo que nos foi dado observar, foi a equipa mais modesta que esta época pisou o relvado do Estádio do Varzim. Talves efeitos psicológicos duma anterior desfeita de divisão, com o espectro de nova desfeita a halar à sua frente.

O Varzim, já continua na liga, em busca de um lugar onde lhe dá direito a passar na I Divisão. Desta vez, como em algumas outras anteriormente, ganhou... sem ganhar para o susto. Mas somou dois pontos e isso é que conta para os jogos da competição.

Mas que nem tudo andou bem na equipa poveira, isso foi um facto. Por exemplo: deixou-se alastrar sem qualidades, quer resolução prática, durante todo o encontro, aquela deficiente zambadora, que tanto stílguu quem jogava e quem assistia — pelo lado varzimista, compreendesse. Ora para situações como esta, tem de haver «deito» de quem orienta, esteja ele dentro ou fora do retângulo do jogo. Para isso é que se justrega a orientação

técnica e táctica da equipa, que não se pode basear apenas nas preleções nos balneários ou noutros locais, onde, por vezes se liga mais a outros pormenores.

Pois como começou o encontro, assim terminou: Albano e Jeans a darem deficiente continuidade ao jogo ofensivo, e Alvarez, do lado esquerdo, a tentar à base de pessoalismo perfurar na modesta defesa contrária. Do lado direito, sobresaliam, mormente na 1.ª parte, as incursões de Serrão, o único defesa que se aventurava a ir mais à frente, mesmo a ter por vezes adversário para marcar, já que no lado oposto, a veterania de Sidónio não ajudava mais do que uma certa experiência para desarmar o adversário. E dos dois centrais, Artur, o mais activo, só lá a frente, quando eram marcações pontuais de canto ou livres junto à área, a tentar explorar (sem resultado) a sua elevada estatura.

Não houve uma mudança de posições, uma alteração ao «s» ofensivo, espaço de, pelo menos, tentar dar remédio ao mal que se vinha alastrando. Andou a linha média a matar-se e a consumir-se para dar jogo aos companheiros da frente.

Continua na página 8

Naval Povoense

Como já noticiámos, é amanhã que se realiza as 21 horas, no salão nobre do Naval Povoense, a assembleia geral ordinária para leitura do Relatório da gerência do ano findo e nomeação de nova direcção para o ano corrente.